

Jesus, a Linguagem de Deus para o homem (aula 2)

Índice

O Resgate da Palavra – Jesus, a Linguagem de Deus	2
Os Métodos de Jesus.....	4
O Intercâmbio Conversacional – a linguagem do dia-a-dia	7
O Itinerário	7
As Conversas	9
As Histórias.....	10
Os pilares das conversas	10
Dinâmica das Conversas.....	13
Anexo	14

Jesus, a Linguagem de Deus para o homem (aula 2)

O Resgate da Palavra – Jesus, a Linguagem de Deus

Entretanto, a Bíblia afirma que desde antes da fundação do mundo, já estava estabelecido o plano capaz de restabelecer o relacionamento pleno com Deus – como era para ser desde o princípio. O apóstolo Paulo, em sua carta aos Efésios deixa claro qual é a peça principal desse plano eterno, quando, falando da pessoa de Jesus, afirma que “... Deus nos escolheu **nele** antes da fundação do mundo...”.

“Porque Deus nos escolheu nele antes da criação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis em sua presença.” (Efésios 1:4)

Por essa razão, o relato do Gênesis registra a declaração de Deus à serpente imediatamente após a tragédia do homem, lançando sobre o plano de resgate da palavra – quando um homem nascido do ventre de uma mulher iria restabelecer e resgatar tudo o que foi afrontado e distorcido no Éden.

*“Então o Senhor Deus declarou à serpente: ‘Já que você fez isso, maldita é você entre todos os rebanhos domésticos e entre todos os animais selvagens! Sobre o seu ventre você rastejará, e pó comerá todos os dias da sua vida. **Porei inimizade entre você e a mulher, entre a sua descendência e o descendente dela; este lhe ferirá a cabeça, e você lhe ferirá o calcanhar**’”. (Gênesis 3:14-15)*

Daquele momento em diante, estava em curso o plano de Deus para restabelecer a convivência com o homem e a plenitude das **palavras de Comunhão, Revelação e de Provisão** para o homem.

Por esse motivo, João abre seu evangelho afirmando que **a própria Palavra**, aquela que estava presente no princípio de tudo e tudo criou, **veio em pessoa** para reintegrar plenamente o homem à comunidade a Trindade.

“No princípio era aquele que é a Palavra. Ele estava com Deus, e era Deus... Aquele que é a Palavra tornou-se carne e viveu entre nós. Vimos a sua glória, glória como do Unigênito vindo do Pai, cheio de graça e de verdade.” (João 1:1 e 14)

A missionária Edméia Williams (que, atendendo a um chamado missionário, vendeu tudo o que tinha e fundou a Casa Maria e Marta, no Morro Dona Marta – no Rio de Janeiro – que atende crianças dando comida, educação, amparo) disse uma vez que aprecia a versão que apresenta a tradução “*No princípio era o Verbo*”. Pois em uma frase o verbo é o elemento sintático que imprime **ação** à sentença. Segundo ela,

*“... (o Verbo) é uma forma plena, completa e profunda de dizer o que é a Palavra... O Verbo encerra em si todo o poder da comunicação. Se eu falo: ‘Ontem **eu** ... no Rio de*

Jesus, a Linguagem de Deus para o homem (aula 2)

Janeiro', de fato não estou dizendo nada. Se, ao contrário, falo: 'Ontem eu jantei no Rio de Janeiro', tudo passa a fazer sentido".

Então, o momento da encarnação de Cristo como o Verbo, a Palavra é aquele em que não mais haverá dúvidas, pois, a partir daquele instante, **o que a palavra diz é coerente com o que ela efetivamente representa** – acabando de uma vez por todas com as dúvidas, questionamentos e sofismas do inimigo.

Igualmente, o autor da carta aos Hebreus registra logo nos seus primeiros versos que, no passado, Deus falava de várias maneiras por meio dos profetas. A partir da encarnação do Verbo, Deus passa a falar de outra maneira.

"Há muito tempo Deus falou muitas vezes e de várias maneiras aos nossos antepassados por meio dos profetas, mas nestes últimos dias falou-nos por meio do Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas e por meio de quem fez o universo." (Hebreus 1:1,2)

Eventualmente, alguém pode ficar confuso quando a Bíblia afirma que "uma pessoa é uma palavra". O pastor Ray Stedman, em um sermão sobre o Capítulo 1 do Evangelho de João, faz uma afirmação que pode nos ajudar a compreender melhor.

*"Palavras são representações audíveis e/ou visíveis (ou perceptíveis *) de ideias ou pensamentos." (Ray Stedman)*

Com essa afirmação, ele está ampliando **o que se entende por uma palavra** para além do limite das formas acadêmicas de representa-las. Sob o prisma da afirmação de Ray Stedman, um comportamento e até mesmo um "silêncio" pode ser uma representação claríssima de uma ideia ou de um pensamento. O compositor Sérgio Pimenta, em sua música "Fonte" (baseada em Tiago 3:9-14) canta "As palavras não dizem tudo / Mesmo que o tudo seja fácil de dizer / Com certeza fala bem melhor o mudo / Se sua atitude manifesta o que crê".

Assim, fica claro que, ao entendermos Jesus de Nazaré como **a Palavra que habitou entre os homens**, nós estamos afirmando **que sua vida, suas atitudes, seu comportamento, seus relacionamentos (e até suas palavras)** são a expressão mais precisa da vontade de Deus para o cidadão do Reino de Deus (da comunidade da Trindade).

Como efeito colateral, pode-se dizer que, a partir de Jesus, não há mais desculpas e não faz mais sentido "falar uma coisa e fazer outra".

Assim, fica claro por que, de maneira até mais incisiva, o mesmo João, abre sua primeira carta também falando sobre o advento da intervenção da Palavra de Deus na história. Na epístola, ele dá contornos ainda mais práticos e palpáveis à pessoa e à obra de Jesus no resgate daquilo que foi perdido no Éden.

Jesus, a Linguagem de Deus para o homem (aula 2)

“O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que contemplamos e as nossas mãos apalparam — isto proclamamos a respeito da Palavra da vida. A vida se manifestou; nós a vimos e dela testemunhamos, e proclamamos a vocês a vida eterna, que estava com o Pai e nos foi manifestada. Nós lhes proclamamos o que vimos e ouvimos para que vocês também tenham comunhão conosco. Nossa comunhão é com o Pai e com seu Filho Jesus Cristo. Escrevemos estas coisas para que a nossa alegria seja completa.” (1 João 1:1-4)

João faz questão de destacar que Jesus é aquele que estava na história desde o princípio e que, de fato, a palavra o meio pelo qual a vida veio a existir. Essa vida se manifestou de forma visível, palpável e relacional. Assim, a comunhão e a alegria foram restabelecidas no cotidiano do homem – como era para ser desde o princípio.

É interessante também notar o registro “... A vida se manifestou; nós a vimos”, que corrobora a profecia feita em Isaías 7:14 e repetida em Mateus 1:23, que evidencia o caráter presencial de Jesus, quando afirma que aquele que estava por vir seria chamado **Emanuel – que quer dizer Deus Conosco**. A partir do momento em que Deus esteve conosco (“... o Verbo se fez carne e habitou entre nós...”), sua palavra, sua mente e seu coração ficaram visíveis a olho nu.

Por isso mesmo, Paulo em sua primeira carta aos Coríntios (I Coríntios 2:13-16), fazendo considerações a respeito das coisas espirituais, que parecem loucura para aqueles que não são espirituais, inicialmente faz uma referência ao profeta Isaías (40:13), fazendo uma pergunta retórica “*quem conheceu a mente do Senhor para que possa instruí-lo*”; logo em seguida, responde “**Nós, porém, temos a mente de Cristo.**”.

Enfim, a presença de Jesus – o Deus conosco – nos permite entender e visualizar o que se passa na sua mente e perceber a materialização dos pensamentos do nosso Criador e Senhor.

Por isso, nossa investigação tem os olhos fixos naquele que é **a manifestação viva da Palavra de Deus para o homem que foi resgatado para a comunidade da Trindade: Jesus de Nazaré**.

Os Métodos de Jesus

Enquanto esteve nesta terra, Jesus primariamente conviveu e interagiu com as pessoas e compartilhou os princípios e o modo de vida do Reino de Deus – que é a comunidade da Trindade. Assim, pode-se dizer que o método de Jesus era o de conviver pura e simplesmente. O dicionário Houaiss define a convivência sob quatro perspectivas: vida em comum, contato diário ou frequente; intimidade, familiaridade; coexistência harmoniosa; e existência próxima e simultânea.

Enquanto convivia, havia **três tipos de abordagem** durante as quais compartilhava as verdades do Reino de Deus, da comunidade de amor do Pai.

Jesus, a Linguagem de Deus para o homem (aula 2)

- a) **Pregação** – Se perguntarmos a alguém qual era a atividade principal de Jesus, a maioria das respostas deve girar em torno de “pregador”. Eugene Peterson, em seu livro *Linguagem de Deus* observa que segundo o relato de Marcos, as primeiras palavras de Jesus para as pessoas à sua volta foram em forma de pregação:
- “Depois que João foi preso, Jesus foi para a Galiléia, **proclamando** as boas novas de Deus. ‘O tempo é chegado’, dizia ele. ‘O Reino de Deus está próximo. Arrependam-se e creiam nas boas novas!’” (Marcos 1:14,15)*
- Peterson destaca o caráter de proclamação da pregação. A pregação é notícia, é o registro da ação de Deus no presente. E **Evangelho de Marcos** é aquele que apresenta prioritariamente a atuação de Jesus como **pregador**.
- b) **Ensino** – Em várias oportunidades, Jesus é descrito como alguém que estava ensinando. Todos os evangelistas incluem em seus relatos o ensino de Jesus, mas o **Evangelho de Mateus** é o que dá mais destaque para esse tipo de atuação. Peterson afirma que Mateus agrupa os ensinamentos em cinco discursos: O Sermão do Monte (Mateus 5 – 7), Instruções aos Doze Discípulos (Mateus 10), Instruções para a Comunidade (Mateus 18), Advertência Contra a Hipocrisia (Mateus 23) e Ensino sobre as Últimas Coisas (Mateus 24 e 25). Particularmente, entendo que **o ensino é precioso, pois “... reúne as partes, estabelece conexões, demonstra relações – ‘liga o pontilhado’ como dizemos.”** O ensino **descompartmentaliza conceitos, conecta e “... faz ressurgir palavras mortas para que vivam outra vez.”** E Jesus apresentou-se como um professor diferenciado, que *“... mais do que transmitir informação, ele estava remodelando nossas imaginações com metáforas, de modo que pudéssemos interiorizar a verdade viva e multidimensional que é Jesus”* (Peterson).
- c) **Intercâmbio Conversacional** – Este tipo de abordagem de Jesus é aquela em que Jesus investiu mais tempo. Enquanto o ensino exigia situações em que um grupo de pessoas dedicava um tempo para ouvir e absorver o que seria apresentado e a pregação acontecia em momentos específicos, proclamando preponderantemente em espaços públicos, o intercâmbio conversacional era o que acontecia nos intervalos – ou seja: **enquanto não estava pregando ou ensinando**, Jesus usava a conversa, trocando ideias sobre o que estava acontecendo naquele momento – pelo caminho, no mercado, reunido em volta de uma mesa para comer.

As duas primeiras formas (a pregação e o ensino), aliás, são frutos de dons específicos e definidos. Alguém pode argumentar que não possui o dom de mestre, de pastor, mas vai admitir que, com maior ou menor facilidade, convive e interage com outras pessoas o tempo todo. É por isso que vale a pena olhar com mais atenção o que Jesus fazia em suas conversas do dia-a-dia.

Jesus, a Linguagem de Deus para o homem (aula 2)

Conviver e conversar não exige capacitação especial. É função básica de qualquer ser humano – e de maneira especial, do servo de Deus. Eugene Peterson afirma que *“o que Marcos faz pela pregação e Mateus faz pelo ensino, Lucas faz pelo intercâmbio informal de linguagem, que ocorre nas idas e vindas de nossa linguagem comum.”*

A propósito, os aspectos destacados por João (**Deus Conosco** e a **Mente de Cristo**) tornaram-se evidentes durante o **intercâmbio conversacional** estabelecido por Jesus com aqueles que o acompanhavam e seguiam na viagem da Galiléia para Jerusalém **atravessando Samaria** (narrado no Evangelho de Lucas a partir do capítulo 9:51 até o capítulo 19:41). Aqui, vale refletir um pouco no que isso significou e de que forma Jesus aplicou seu método:

- a) **Deus Conosco** – Inicialmente, é necessários termos uma ideia da dimensão dos problemas de relacionamento entre judeus e samaritanos. Vamos recorrer a uma língua antiga, o que pode nos ajudar na compreensão. No Latim, há dois termos que são traduzidos para o que conhecemos como “o outro”: Alter e Alius – cada um com uma aplicação parecida mas distinta.
 - a. Alter (que dá origem a palavras como “outro”, “alternativa” etc.) é usado para designar aquele que é o mesmo na essência, apresenta algumas características diferentes, mas permanece identificado com aquele que o contempla. Para um judeu, outro judeu era “alter”.
 - b. Alius (que dá origem a palavras como “alienígena”, “alienado” etc.) designa aquele que é percebido como estranho, não feito da mesma essência – e geralmente causa um sentimento de repulsa ou desconforto.

Jesus, quando foi passar por Samaria, fez questão de conviver intensamente com os samaritanos. O episódio narrado logo no início da jornada (envolvendo os irmãos Tiago e João), que veremos logo mais, é sintomático. Também não foi sem razão que Jesus conta a parábola do “Bom Samaritano”, mexendo com sentimentos preconceituosos arraigados e escondidos no coração dos judeus. Jesus foi buscar os samaritanos a fim de tira-los da condição de Alius para a condição de Alter – e foi como fazer uma incisão profunda na personalidade dos judeus e tirar à força aquele espinho que doía havia muito tempo.

- b) **A Mente de Cristo** – A estratégia de contar histórias que exigiam interação com seus interlocutores funcionava como uma forma de construir um relacionamento e desenvolver um conhecimento do outro por meio da troca de experiências. As histórias, por despretensiosas e sem significado religioso aparente tinham o poder de ir desatando nós no relacionamento e desfazendo muros. A conversa interessada tem o poder de penetrar no coração tanto daquele que conta quanto daquele que ouve. Assim, Jesus apresentava sua maneira de pensar e os princípios do Reino de Deus **apresentando-se ao coração daqueles que com ele conversavam, mesmo que fossem de pessoas que, historicamente, lidavam com Deus à sua própria maneira.**

Jesus, a Linguagem de Deus para o homem (aula 2)

Temos um paralelo desse tipo de experiência no relato de Paulo em Gálatas 1:18, que narra o processo pelo qual passaram ele próprio e Pedro (para tratarem de divergências que tinham entre si).

*“Depois de três anos, subi a Jerusalém para **conhecer** Pedro pessoalmente, e estive com ele quinze dias.” (Gálatas 1:18)*

O termo grego traduzido por **conhecer** acima é **historeo**, que deu origem ao vocábulo história que conhecemos hoje. Paulo, então, relata que trocou experiências, contou e ouviu histórias em um processo interativo, intenso e natural.

O Intercâmbio Conversacional – a linguagem do dia-a-dia

O Evangelho de Lucas relata Jesus em intenso intercâmbio conversacional especialmente durante sua última viagem, quando saiu da Galiléia (Lucas 9:51) com destino a Jerusalém (19:41), onde seria traído, preso, julgado, morto... mas ressuscitaria. É a conhecida Narrativa da Viagem.

Durante nossa investigação, vamos percorrer alguns desses relatos.

O Itinerário

Vale a pena pensarmos com um pouco mais de atenção no itinerário dessa viagem e observar algumas de suas características.

Jesus e seus acompanhantes saem da Galiléia, um local familiar e aconchegante, onde costumavam encontrar-se regularmente nas sinagogas e conviviam em um universo eclesial bem definido e seguro. Da Galiléia, partiram com destino a Jerusalém, outro lugar religiosamente conhecido. Era onde ficava o templo e onde se falava a “língua espiritual” – o lugar perfeito para as conversas sobre “as coisas de Deus”. Apesar das oposições que Jesus e seus discípulos enfrentavam nesses lugares e do que, afinal, acabou acontecendo com Jesus em Jerusalém, tratava-se de território conhecido, um ambiente já mapeado em seus atalhos e armadilhas.

Entretanto, o caminho entre esses dois lugares passava pela Samaria, território sabidamente hostil aos judeus, avesso ao universo religioso de Jesus e seus companheiros. Não obstante, é exatamente o que Jesus procura e para onde carrega aqueles que com ele estão. É no caminho passando por Samaria que acontecem os mais frutíferos e genuínos intercâmbios conversacionais.

Podemos, assim, fazer uma analogia com o que acontece conosco em nossas vidas. Galiléia e Jerusalém são nossos domingos – em sagrados momentos de refrigério, com tempo dedicado ao estudo da Palavra de Deus ao lado de irmãos de caminhada e de comunhão. Em nossa Galiléia e em nossa Jerusalém, até algumas perguntas e questionamentos – por mais embaraçosos e difíceis que sejam – seguem um determinado padrão, que, no fundo, conhecemos. Ao contrário, Samaria é a nossa vida “entre domingos”. É em Samaria que nós somos confrontados por pessoas e situações sobre as quais temos pouco ou nenhum controle. As perguntas e as dinâmicas não seguem a liturgia de um momento culto ou de um encontro de escola bíblica.

Jesus, a Linguagem de Deus para o homem (aula 2)

É também valioso perceber que a jornada para a qual Jesus convida aqueles que querem acompanhá-lo é para Jerusalém, onde vai ser crucificado. É uma coisa para a qual aqueles que o seguem precisam estar preparados. Por essa razão, Lucas relata algumas deserções prematuras, no capítulo 9, do verso 57 até o verso 62.

“Jesus Respondeu: ‘Ninguém que põe a mão no arado e olha para trás é apto para o Reino de Deus’” (Lucas 9:62)

No começo da jornada, o Evangelho de Lucas (Lucas 9:51-55) registra um episódio exemplar, no qual vale a pena refletirmos um pouco.

*“Aproximando-se o tempo em que seria elevado ao céu, Jesus partiu resolutamente em direção a Jerusalém. E enviou mensageiros à sua frente. Indo estes, entraram num povoado samaritano para lhe fazer os preparativos; **mas o povo dali não o recebeu porque se notava em seu semblante que ele ia para Jerusalém. Ao verem isso, os discípulos Tiago e João perguntaram: ‘Senhor, queres que façamos cair fogo do céu para destruí-los?’.** Mas Jesus, voltando-se, os repreendeu, dizendo: **‘Vocês não sabem de que espécie de espírito são, pois o Filho do homem não veio para destruir a vida dos homens, mas para salvá-los’;** e foram para outro povoado. (Lucas 9:51-56)*

Ao perceberem a rejeição e a dificuldade que estava por vir, os irmãos Boanerges (filhos do trovão, pavio curto) imediatamente saíram em defesa da missão. Com palavras duras, “lembraram” a Jesus que haviam estado havia pouco tempo com Elias (também com Moisés) no monte da transfiguração (Lucas 9:28-36) e que, portanto a arma usada por Elias quando enfrentou os dois capitães, cada um com seus cinquenta, do rei de Samaria (II Reis 1:1-14). Alguns manuscritos da Bíblia dizem *“destruí-los, como fez Elias?”*. Ou seja: exatamente contra Samaria, Elias, com quem haviam se encontrado recentemente, tinha lançado mão do recurso de enfrentar a hostilidade com fogo do céu. Certamente, o mesmo poderia ser feito agora.

Jesus repreendeu-lhes a atitude, deixando claro que o tempo agora era de resgate – e que não cabiam mais palavras de violência, pois *“... o Filho do homem não veio para destruir a vida dos homens, mas para salvá-los”*. Vale a pena refletir que o texto nos aponta para o fato de que, eventualmente, começamos a destruição de uma pessoa com aquilo que sai de nossa boca.

É interessante notar que o fogo presente em várias ocasiões como arma de destruição no Antigo Testamento aparece “funcionando” no Novo Testamento no Pentecostes (línguas de fogo), a serviço das palavras daqueles que proclamavam as boas novas da salvação.

Naquela ocasião, ***muitos foram salvos***.

Jesus, a Linguagem de Deus para o homem (aula 2)

As Conversas

É útil observar que as suas **interações de Jesus** durante a viagem relatada por Lucas caracterizam-se por serem **totalmente não-estruturadas** – tal qual ocorre em nosso dia-a-dia. Shelley Turkle relata que, em suas pesquisas, quando perguntava a pessoas por que elas preferem trocar mensagens de texto em vez de conversar diretamente, ouvia consistentemente respostas sobre a falta de controle que se tem na conversa. Quando uma conversa começa, nunca se sabe onde vai parar – e isso é o que, nos dias de hoje, se pretende evitar a todo custo. O homem que optou por abrir mão da comunidade da Trindade sofre ao perceber a realidade daquilo que o autor de Eclesiastes registra, quando lembra-nos que um dia é diferente do outro por propósito de Deus, que é aquele sob cuja responsabilidade está a palavra de Provisão para o homem.

“No dia da prosperidade goza do bem, mas no dia da adversidade considera; porque também Deus fez a este em oposição àquele, para que o homem nada descubra do que há de vir depois dele.” (Eclesiastes 7:14)

É preciso observar também que as conversas estão totalmente **integradas ao dia-a-dia** daqueles com quem Jesus interage. Jesus vai corajosamente em direção ao território daquele com quem quer estabelecer um relacionamento. É por meio de situações nas quais o indivíduo sente-se parte integrante que sua mente, sua imaginação e seu coração engajam-se mais facilmente no diálogo.

Da mesma forma, Jesus utiliza uma linguagem e um **vocabulário propositadamente não eclesiástico**. Ele encoraja a todos os que o cercam para que façam o mesmo. Por um lado, facilita a comunicação com pessoas que têm pouca ou nenhuma familiaridade com jargões “igrejeiros”, que se constituem em uma língua à parte, à qual apenas os privilegiados frequentadores de cultos e escolas bíblicas estão aptos a decifrar (às vezes, nem esses, mas isso já é outra história).

Mas ousa dizer que Jesus tem um objetivo até mais importante (por ser mais profundo) para o uso desse tipo de linguagem não eclesiástica – e que deve servir de exemplo para nós. Surpreendentemente, não tem exatamente a ver com o nosso interlocutor. Tem a ver com nós mesmos e com alguns medos que moram nos recantos mais escondidos de nossa alma.

Em algumas oportunidades, Jesus está lidando com gente não familiarizada com os temas religiosos, mas em outras ele está lidando com especialistas, que o abordam com questionamentos clássicos de assuntos da fé – muitas vezes, uma cortina de fumaça para outros pecados e preconceitos que trazem dentro de si e com os quais evitam tratar. Prestemos atenção às perguntas e provocações a seguir.

“Por que Jesus responde a perguntas sobre o céu e atende a pedidos para que ensine sobre a oração – preocupações espirituais clássicas – com histórias sobre um desconhecido ferido e um convidado inesperado e faminto? Seria porque Jesus observa que boa parte das nossas conversas sobre “as coisas de Deus” são formas de evitar a presença pessoal de Deus nas pessoas feridas e famintas que encontramos na estrada de Jerusalém? Seria

Jesus, a Linguagem de Deus para o homem (aula 2)

porque ele sabe que nossa predileção por debates sobre as questões do céu e da oração são um desvio para não termos de lidar PESSOALMENTE com nossos familiares e amigos nos quais Deus está presente? Seria porque Jesus está tentando desmamar-nos de uma tagarelice em nome de Deus?” (Eugene Peterson, A Linguagem de Deus)

Jesus, de maneira sistemática e consistente sai de sua zona de conforto para apresentar-se de maneira transparente e sincera àquele com quem deseja se relacionar. Esta é a melhor expressão daquela palavra que vai além do que falamos ou escrevemos. É dessa forma que Jesus vem resgatar a palavra como meio de revelação e relacionamento para os homens – e é melhor você e eu fazermos a mesma coisa se é nosso desejo sermos obedientes imitadores do Mestre.

As Histórias

Jesus estabelece as conversas contando histórias cotidianas – o que não era um método inovador, já que o uso de parábolas e histórias do dia-a-dia é recurso usado ao longo da história humana. Recentemente, o mundo corporativo foi invadido por uma “modinha” que advoga que é mais fácil alguém vender uma ideia, um produto, um conceito quando o faz contando uma história. Há um sem número de cursos sendo oferecidos por instituições conceituadas para aqueles que desejam aperfeiçoar-se nas técnicas e nas melhores práticas do “*storytelling*”.

Mas Jesus é um mestre na arte, especialmente porque por meio de pequenos contos despreziosos e sem nenhum significado religioso aparente, ele é capaz de penetrar no mundo escondido daqueles com quem conversa – que não imaginam onde aquele encontro vai parar quando iniciam o diálogo ou o debate.

Obviamente, quando alguém sente que o outro mexeu em uma área da alma que está esforçando-me por esconder, as reações podem não ser as mais positivas. Por isso, é preciso cuidado e, sobretudo, um **amor que seja capaz de quebrar essas barreiras, estabelecendo um ambiente de aconchego** para aquele com quem se conversa. Quando isso ocorre, o público alvo de cada uma das histórias entra sem medo na aventura do relacionamento.

Uma das expressões mais contundentes, poderosas e eficazes desse amor é o que vamos ver na parte final deste capítulo de nossa investigação.

Os pilares das conversas

As conversas que Jesus teve ao longo do caminho (contando histórias, sentado à mesa tomando uma refeição, observando fatos e elementos da paisagem) construíam alguns pilares para a interação, de acordo com a maior ou menor efetividade e necessidade para cada momento.

Jesus, a Linguagem de Deus para o homem (aula 2)

- a) **O relacionamento** – Em alguns episódios relatados por Lucas, percebemos o foco Jesus no estabelecimento e fortalecimento de um relacionamento mais íntimo com algumas pessoas. Em Lucas 10:41, ele destaca a dedicação de Maria (em contraponto com o comportamento de Marta) na valorização do tempo de comunhão (e **historeo**), qualificando-o como a melhor parte daquele encontro. Em Lucas 19:5, Jesus entende que era importante ir e ficar na casa de Zaqueu, comer com ele, entender e valorizar o seu contexto e sua família. Nos dois episódios, Jesus dedicou sua atenção e seu carinho em relação à **personalidade** de seus interlocutores. Era a **Palavra de Comunhão** naquelas vidas.
- b) **O efeito revelador** – A certa altura do caminho (Lucas 10:25), “... um perito na lei levantou-se para pôr Jesus à prova e lhe perguntou: ‘Mestre, o que preciso fazer para herdar a vida eterna?’”. Tal como em outras oportunidades (no Éden, com Adão e Eva; no deserto, com Jesus), isso era uma provocação. A resposta de Jesus (na verdade, uma pergunta) inverteu o rumo da conversa e colocou o perito da lei em uma posição defensiva e fragilizada. Mas notemos que **o objetivo de Jesus aqui não era ganhar a discussão**. Ele percebeu que aquele era o momento para trazer à tona um dos segredos escondidos na personalidade daquele homem – como, de resto, de muita gente que presenciava a cena. A história de um samaritano (um alius) colocando-se como próximo do judeu assaltado (em contraste com os melhores exemplares da cultura judaica, que passaram indiferentes pelo necessitado) acertou em cheio o sentimento de superioridade e de preconceito do perito da lei (e de outros judeus presentes) em relação aos samaritanos. Jesus extraiu daquele momento a **real motivação** por trás da casca religiosa aparente. Por trás da conversa espiritual, sobre coisas elevadas e importantes (a vida eterna), estava um coração que precisava ser confrontado com um pecado latente. Em resposta, ele indica claramente que o desejo do Pai sempre foi estar ao lado do homem – do judeu, do samaritano e até do brasileiro. Era a **Palavra de Revelação** da vontade de Deus para aquelas pessoas.
- c) **O tempo e o sustento** – A certa altura, Jesus faz um comentário sobre um fato que lhe havia sido relatado (a morte de alguns galileus), falando que “... *se não se arrependerem, todo vocês também perecerão*” (Lucas 13:5). Uma palavra dura. No momento seguinte, entretanto, ele emenda uma pequena história sobre uma certa figueira:

“Então contou esta parábola: ‘Um homem tinha uma figueira plantada em sua vinha. Foi procurar fruto nela, e não achou nenhum. Por isso disse ao que cuidava da vinha: ‘Já faz três anos que venho procurar fruto nesta figueira e não acho. Corte-a! Por que deixá-la inutilizar a terra?’ Respondeu o homem: ‘Senhor, deixe-a por mais um ano, e eu cavarei ao redor dela e a adubarei. Se der fruto no ano que vem, muito bem! Se não, corte-a’ ”. (Lucas 13:6-9)

Jesus, a Linguagem de Deus para o homem (aula 2)

Uma história estranha, mas precisa como uma faca afiada. Contrapondo-se à violência objetiva da ordem do senhor da vinha (“*corte-a*”), o cuidador pede mais tempo (além dos três anos que já tinham se passado), dizendo que vai dar um tratamento especial para a planta – com esterco. Esterco não era uma solução rápida para o problema – que estava ali havia três anos. Contra desistir e começar de novo com outra árvore mais promissora, o cuidador receita esterco – alimento lento e que, eventualmente, pode não solucionar o problema. Eugene Peterson afirma...

“Amamos os começos: dar à luz um bebê, batizar um navio, o primeiro dia num novo emprego, começar uma guerra. Mas espalhar esterco não traz consigo nenhuma dessas alegrias. Não é um trabalho que impressione, não é glamoroso, não é um trabalho que prenda a atenção admirada de ninguém. Esterco é uma solução lenta. Ainda assim, quando o assunto é fazer algo em relação ao que está errado no mundo, Jesus é mais bem conhecido por sua predileção pelo minúsculo, pelo invisível, pelo silencioso, pelo lento – fermento, sal, sementes e luz. E esterco.” (A Linguagem de Deus)

Jesus está olhando aqui para a **real necessidade** daqueles que são tal qual a figueira que não dá frutos: Adubo e tempo. Esta é, certamente, uma **Palavra de Provisão**.

Enfim, podemos dizer algumas coisas a respeito do tipo de conversa que Jesus manteve com aquelas pessoas que encontrou pelo meio do caminho.

- a) **Foco na pessoa** – A linguagem expressa em palavras, histórias ou mesmo nas atitudes (que, como vimos anteriormente, também fazem parte da linguagem) é um meio. O alvo do amor de Deus é a pessoa, aquele homem que inventou seu próprio mundo e hoje vive preso em suas próprias armadilhas. Pode parecer óbvio, mas o servo e imitador de Jesus de Nazaré não pode perder de vista essa perspectiva e esse foco na pessoa amada, pois em muitas oportunidades, no afã de “defender a fé”, “guardar a sã doutrina” e cheios de boas intenções, nós podemos “erram o alvo” e atingirmos o próximo em vez da ideia que o aprisiona ou oprime. Há um ditado chinês que diz “*quando se aponta a lua, bela e brilhante, o tolo olha atentamente para a ponta do teu dedo*”. Como pessoalmente já fiz papel de tolo (por mais de uma vez), entendo que esse aspecto é fundamental naquele que quer, como Jesus, falar e ser a expressão da Linguagem de Deus.
- b) **Sem pressa** – Recentemente, eu estava conversando com uma pessoa sobre avanços tecnológicos e, em determinado momento, ouvi que uma coisa pela qual ela pagaria para ter era um dispositivo que permitiria, já no aperto de mão, que ela fizesse um “download” (direto para o cérebro, claro) de tudo o que ela acha ser relevante em relação àquela

Jesus, a Linguagem de Deus para o homem (aula 2)

pessoa. Assim, não se perderia tempo conhecendo alguém que, ao final de algum tempo, descobre-se que não tem compatibilidade de ideias – e isso tudo é uma perda de tempo. O filósofo Mário Sérgio Cortella, em seu livro “Não Nasceremos Prontos”, fala sobre o que ele chama de Tacocracia, o regime sob o qual estamos cada vez mais governados. Na Tacocracia, o que manda é a rapidez, a pressa. A certa altura, ele registra que as perguntas que mais fazemos em nossos dias são “vai demorar muito?”, “quanto tempo leva para fazer tal coisa?”, “dá para ser um pouco mais depressa?”. Ele afirma que “... *na sociedade pós-moderna, não olhamos mais o relógio para ver que horas são, mas, isso sim, para verificar ‘quanto falta’.*”. Jesus, com seu amor abnegado, segue na contramão da Tacocracia e investe tempo em prestar atenção ao outro, entender suas motivações. Na mini-parábola da figueira infrutífera e do esterco, Jesus aponta para a realidade que é preciso não ter pressa quando se trata de ganhar o outro.

- c) **Sem vencedor** – No episódio em que interage com um perito da lei, que pergunta o que é preciso fazer para herdar a vida eterna, Jesus, dando toda a atenção para aquele homem, percebe que, no fundo, ele sabe a resposta à pergunta. Em contrapartida, percebe que é uma pessoa preconceituosa e egoísta – e que isso, de fato, é o que pode impedi-lo de herdar a vida eterna. Então, ele responde com uma pergunta e, a partir da resposta de seu interlocutor, emenda uma história sobre um samaritano que, diferentemente de pessoas religiosas (de quem se deveriam esperar atitudes e comportamentos compatíveis com a fé que professavam), demonstrou compaixão e amor para com uma pessoa desconhecida e moribunda à beira da estrada de Jerusalém para Jericó. Ao final da conversa, tudo o que Lucas registra é que Jesus disse ao perito da lei “*Vá e faça o mesmo*” – e ficamos sem saber se aquele homem obedeceu ou preferiu continuar convivendo com sua religiosidade preconceituosa e morta. Ou seja, aquela conversa não teve um vencedor. Muitas vezes, para o homem é importante “vencer” um debate ou uma discussão. Não é o objetivo da Palavra. O objetivo da Palavra é trazer vida onde antes havia a morte, é trazer existência onde antes havia o nada.

O apóstolo Paulo, falando aos Efésios sobre um determinado tipo de conversa em que podemos nos envolver, dá duas orientações objetivas para aqueles que querem conversar como a Palavra Viva nos ensinou.

Dinâmica das Conversas

Em primeiro lugar, vale a pena esclarecer uma coisa a respeito do título deste tópico: a palavra **dinâmica**. Em linhas gerais, dinâmica é a disciplina que estuda o **movimento**. Quando recorremos à origem da palavra (o grego *dýnamis*), que significa força, potência. Em função dessa **força** existe o **movimento**. Portanto, a dinâmica de uma conversa é a força que a impulsiona, ao mesmo tempo, a que ela gera.

Vamos explorar esse conceito no próximo encontro. Até lá!

Jesus, a Linguagem de Deus para o homem (aula 2)

Anexo

Fonte (Sérgio Pimenta)

As palavras não dizem tudo
Mesmo que o tudo
Seja fácil de dizer
Com certeza fala bem melhor o mudo
Se sua atitude manifesta o que crê

Compromisso sumiço omisso
Ou faz o que fala
Ou se cala de uma vez
Que não venha sobre si justo juízo
Pois terrível cousa é cair nas mãos do rei

Mesma língua que abençoa, amaldiçoa
Mesma língua canta um hino
E traz divisão
Não pode da mesma fonte
O doce e o amargo
Se Cristo habita de fato no coração